


Capítulo 1


A janela que a Índia era¹

*Hai Hind bibisht ki nishâni
Har chashma âb-i zindagânî*

A Índia é o sinal do Paraíso,
E cada um dos seus rios é o Elixir da Vida 

Assim escrevia, com veia fortemente patriótica, um poeta do início do século XVIII, Ahmad Sarawi, acrescentando:

Cada cidade e aldeia desta terra,
é como se o Paraíso se tivesse estendido para ali.
Cada jardim tem flores de todas as espécies,
e cada canteiro é como o firmamento.
A terra da Índia (*Hind*) está cheia de amor,
e cada pedrinha parece uma pérola.
Qual é o valor de uma mera pérola?
Cada tijolo aqui é mais precioso que a argila do meu corpo.²

Ao reler estes versos, e pensando na relação entre o estudo da história indiana e o da história em geral, devo confessar que, curiosamente,  veio à memória o primeiro astronauta indiano, Rakesh Sharma, que – olhando para a Terra da janela de uma

¹ Lição Inaugural da Cátedra de História e Cultura Indianas na Universidade de Oxford, 20 de Fevereiro de 2003.

² Ahmad Sarawi, *Nal Daman*, ed. Sayyid Muhammad ‘Abdullah (Carachi: Anjuman-e Taraqqi-e Urdu, 1987).

nave soviética – declamou ao primeiro-ministro indiano em Abril de 1984: «*Sâre jahân se acchâ Hindûstân hamârâ*» («De todo o mundo, o Hindustão é o melhor»). Quem diz que a distância é a mãe da objectividade?

Assim, e embora este seja o texto da lição inaugural da Cátedra de História e Cultura Indianas na Universidade de Oxford, não posso resistir a notar a subtil ironia inerente à situação a que acabei de aludir. Como qualquer historiador actual da **Ásia do Sul**, e talvez mais do que a maioria, durante muitos anos mantive uma relação ambígua e quase hostil com a noção de «estudos de área» que, nas últimas décadas, tem sido a ideia formadora central para tantos de nós, mesmo que no passado não tenha motivado indianistas oriundos desta universidade, como William Jones e Max Mueller. O meu trabalho já me levou do Hind amado de Ahmad Sarawi ao Sudeste Asiático, ao império otomano e à Transoxânia, a um estudo mais aprofundado da história da Península Ibérica e dos Países Baixos e, mais recentemente, a um namoro com a história do Brasil e da América espanhola. Se existe uma justificação para me ter sido atribuída a cátedra de História Indiana, ela deve residir no facto de alguns dos que me leram concordarem com o aforismo de um historiador de Calcutá que muito admiro, o já desaparecido Ashin Das Gupta: «Sem se sair da Índia, não se pode explicar a Índia.»³ Com isto não queria de forma alguma dizer que todos os historiadores indianos se deviam fazer imediatamente ao mar, como lemingues, ou migrar para as universidades de Cambridge ou Oxford (embora ele próprio se tenha doutorado na primeira e tenha sido por pouco tempo *fellow* do St. Antony's College). O que Das Gupta pretendia afirmar era que a abertura a outras histórias e às trajectórias de outras sociedades era essencial para compreender o seu próprio contexto. Esta é uma abordagem que, nos anos mais recentes, eu próprio tenho tentado desenvolver, recuperando, em parte, o conceito de história «integrativa», utilizado pelo também já desaparecido Joseph Fletcher da Universidade de Harvard (um grande e subvalorizado historiador da China e da Ásia Central), e ao qual prefiro chamar «histórias conectadas». Regressarei várias vezes a este tema ao longo do texto.⁴

³ Para uma ampla amostra da sua obra, ver Ashin Das Gupta, *The World of the Indian Ocean Merchant, 1500-1800: Collected Essays of Ashin Das Gupta* (Nova Deli, 2001, com uma introdução minha, 1-20).

⁴ Sanjay Subrahmanyam, «Connected Histories: Notes towards a reconfiguration of Early Modern Eurasia», *Modern Asian Studies*, vol. 31, n.º 3 (1997): 735-762;